

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

155

INSCRIÇÕES 617-619



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2017

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas | Palácio Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



UMA INSCRIÇÃO ROMANA DE VENEZA
NA QUINTA DA CARDIGA, GOLEGÃ
(*Conventus Scallabitanus*)

No âmbito do curso de Mestrado em Conservação e Restauro, Marco Rocha e Nuno Pereira, do Instituto Politécnico de Tomar, estão a preparar o relatório de estágio sobre os temas: *Quinta da Cardiga: pressupostos para a Conservação e Restauro. Estudo e intervenção de uma fonte ornamental* e *Estudo e intervenção no património edificado: Quinta da Cardiga*, respectivamente, ambos sob orientação do Professor Fernando Costa, do mesmo Instituto Politécnico.

Acontece que, durante a desmontagem e intervenção de conservação e restauro de uma fonte (Fig 1 e 2) da referida Quinta da Cardiga, sita na freguesia e concelho da Golegã, distrito de Santarém, verificaram que um dos elementos apresentava parte de uma inscrição que lhes pareceu poder ser romana.¹ Da troca de correspondência subsequente resultou, por conseguinte, este estudo, que, desde já, se nos afigura do maior interesse, pela singularidade que representa.

Na verdade, do que se conseguiu apurar, a fonte ornamental poderá ser um trabalho proveniente de Itália, adquirido entre 1903 e 1915, numa viagem de D. Branca Falcão Sommer d'Andrade,

¹ Agradecemos aos demais membros da equipa de conservação e restauro a autorização para, desde já, se dar a conhecer este elemento; e ao Dr. Rui d'Andrade a sua preciosa informação acerca da eventual procedência da fonte.

estando Veneza identificada como local de compra, informações que foram conferidas pelo Dr. Rui d'Andrade. Saliente-se, porém, que esta hipótese apenas pôde ser facultada oralmente, pois, na verdade, o diário de viagem das irmãs Sommer traz referências a outro tipo de compras, mas não especifica a compra desta ou doutra fonte².

Naturalmente, nada se sabe quanto à proveniência exacta da epígrafe, uma vez que, como é bem visível (fig. 3), resulta do aproveitamento de um monumento epigrafado, que foi trabalhado e moldado para ocupar a função ornamental que detém, sem que os escultores da fonte se tivessem interessado em explicar donde tinham recuperado esse elemento. Aliás, decerto nem lhes conviria tê-lo divulgado, ainda que, obviamente, não lhes tivesse passado pela cabeça a importância documental que umas singelas linhas poderiam deter.

Foram identificados dois tipos de materiais utilizados na confecção da fonte: o mármore e a brecha. O fragmento epigrafado é mármore, não sendo conhecidos outros reaproveitamentos em elementos constituintes da fonte, estando em curso o seu estudo mineralógico e petrográfico, através de métodos de exame e análise, na tentativa de se determinar a sua proveniência, bem como da fonte em geral, com mais algum pormenor.

O elemento arquitectónico em que figura parte de uma inscrição funerária já se encontrava partido em cinco pedaços ajustáveis, na altura em que se procedeu à sua remoção. A superfície epigrafada fora picada por meio de gradim, a fim, sem dúvida, de se obter mais fácil aderência à parte superior. Os três buracos que se encontram na superfície desta espécie de mó (é, de facto, essa a forma que tem) foram resultado da reutilização.

O fragmento apresenta 5,54 cm de espessura e 27,5 cm de diâmetro, ocupando a inscrição um espaço de 10,5 x 16,5 cm.

[...] [MAX]VMII [?] / [...P]III[...] [?] · [...] AELI [...] / [LIBERTIS LIBERT]ABVSQ(ue) · PO[STERISQ(ue) EORVM]

² SOMMER (Branca Falcão de) e SOMMER (Fernanda Falcão de), *Journal de Voyage: Égypte, Palestine, Syrie, Turquie, Grece, Italie*, vol. I e II, Davos: Impr. de Davos, 1908. A obra traz ilustrações de Luiz Falcão de Sommer.

Altura das letras: l. 1: 2,5; l. 2: 2,6; l. 3: 2,5/2,6 (V = 2,8; C = 2,5). Espaços: 1: 8,4; 2: 1,3; 3: 2,1.

Caracteres actuários, largos, espaçados, típicos da segunda metade do século I da nossa era, com serifas bem acentuadas a denunciar que houve prévias linhas de pauta, ora imperceptíveis (veja-se, a título de exemplo, o E, que tem, no vértice inferior, uma serifa para trás): o A tem barra ténue; o B é assimétrico; o S de curvaturas simétricas, levemente inclinado para diante; o Q não é rigorosamente circular e apresenta cauda curta, oblíqua e ligeiramente ondulada; o O tem a parte superior que arranca de trás, sugerindo, portanto, uma impressão de movimento. É tentador ver na letra final um O – em vez do C para que a fotografia aponte³ – possibilitando, assim, a reconstituição que se propõe, explicada mais adiante.

Na l. 1, o V, mau grado o sulco posterior lhe haver deteriorado a haste da direita, parece-nos possível; MI reconstitui-se bem, mas há o resto de um traço vertical em seguida, cujo significado não entendemos: outro I?

Na segunda linha, antes do primeiro I poderá haver o que resta de um P, com semelhanças ao P da fórmula final: apercebemo-nos de um trecho da volta superior e do prolongamento da serifa em baixo. Seria sugestivo ler PII, na medida em que, de seguida, a hipótese AELI (genitivo de *Aelius*) afigura-se passível de aceitação.

A reconstituição que se propõe para o final vem ao encontro da troca de impressões de que a seguir se dá conta. Assim sendo, estaríamos, mui provavelmente, perante o termo de uma longa inscrição funerária, mandada fazer por um senhor para si e para os seus libertos e libertas, como os exemplos venezianos são susceptíveis de sugerir.⁴

³ P C permitiria o desdobramento da fórmula assaz frequente P(*onendum*) C(*uravit*).

⁴ Sobre o alcance político-social deste uso, leia-se: Nicolas LAUBRY, «La désignation de la postérité. Autour de la formule *libertis libertabusque posterisque eorum* dans les inscriptions funéraires romaines», in DONDIN PAYRE, Monique et TRAN, Nicolas [dir.], *Esclaves et Maîtres dans le Monde Romain. Expressions épigraphiques de leurs relations*. Publications de l'École Française de Rome, Roma, 2016. Ebook, acessível in <http://books.openedition.org/efi/3185>. No entender de

Na verdade, por se tratar de uma epígrafe seguramente proveniente de Veneza, tínhamos dois caminhos à nossa frente: consultar a base de dados de Clauss ou algum dos nossos colegas e amigos epigrafistas da universidade de Veneza, com dois objectivos: o primeiro, verificar se este fragmento e a nossa interpretação se ajustariam a alguma das inscrições constantes do *corpus* de inscrições veneziano, o que, a concretizar-se, seria deveras interessante; o segundo, testar a nossa leitura com os modelos das epígrafes locais, partindo do princípio de que estaríamos, seguramente, perante a parte final de um texto funerário.

A nossa amiga Professora Claudia Antonetti, do Dipartimento di Studi Umanistici da Università Ca' Foscari, respondeu-nos prontamente, a 26 de Julho, p. p.:

«Per il problema in questione passo la mail al mio giovane collega Lorenzo Calvelli, che fra noi veneziani è il più esperto di epigrafia locale e di riusi epigrafici».

Lorenzo Calvelli é também um companheiro das nossas lides epigráficas (estivéramos juntos no Colóquio Borghesi, organizado em Bertinoro no passado mês de Junho); ficou entusiasmado com o facto de que «da Venezia la fontana sia finita in Portogallo!» e decidiu partilhar «questo importante rinvenimento» com outra colega, Giovannella Cresci. Transcrevemos, com todo o gosto, o parecer que nos enviou, resultante dessa troca de impressões:

«Mi sono confrontato con Giovannella Cresci, che conosce anche lei molto bene l'epigrafia del territorio di Venezia. Purtroppo, non ci sembra che il frammento di cui ci hai mandato la foto corrisponda a nessuna delle iscrizioni edite, a noi note, provenienti dalle nostre zone. Non credo, in particolare, che sia CIL V 2293, anche se ci assomiglia un po'».

Tuttavia il formulario che si legge nell'ultima riga é tipico della “nostra” documentazione epigrafica. Siamo certi che la riga finale si possa integrare con la formula [*libert*]*abusq(ue) po[sterisq(ue)*

Nicolas Laubry, que perfilhamos, «la clause *libertis libertabusque posterisque eorum* instaurait une chaîne de bénéficiaires qui, théoriquement, était appelée à se prolonger le plus possible, et qui conservait, comme point de référence, le fondateur du sépulcre».

eorum]. Per quanto riguarda la riga precedente, forse si legge un AELI come dici tu, oppure forse un –AE come finale di un nome femminile in dativo e l’inizio della formula *li[bertis]* che prosegue alla linea dopo. In tal caso potremmo anche supporre *grosso modo* quanto spazio manca per la fine dell’iscrizione sulla destra».

E acrescenta:

«Nella *Regio X - Venetia et Histria* la formula “*libertis libertabusque posterisque eorum*” ha almeno 50 attestazioni, mentre “*libertabusque ponendum curavit*” mi pare un *hapax*. Credo che l’ultima lettera che si vede nella foto fosse una O, ora leggibile solo parzialmente a causa della rilavorazione della pietra».

Fizéramos também nós, como primeira preocupação, a comparação com as inscrições da referida *Regio X*, justamente para confrontarmos com outras a fórmula final que se nos apresentava. Assim, da base de dados de Clauss, retirámos, a título de exemplo estas duas:

CIL V 2170, EDCS-04201225

D(is) M(anibus) / C(aius) Cassius Herma / sacerdos v(ivus) f(ecit) sibi / et l(ibertis) libert(abusque) / posterisq(ue) eor(um)

CIL V 2235, EDCS-04201289:

[3] M(arci) l(ibertus) H(i)larius / [3] l(ibertus?) H(i)lar(...) / [3] lib(ertis) libertabusque / v(ivi) f(ecerunt)

Quiçá, um dia, reutilizada noutro monumento neoclássico da região de Veneza, venha a encontrar-se a parte da epígrafe que nos permita confirmar ou infirmar o que ora se nos antoja como verosímil.

Pelo tipo de letra e pela excelência do traçado, dataríamos a epígrafe da 1ª metade do século I d. C.

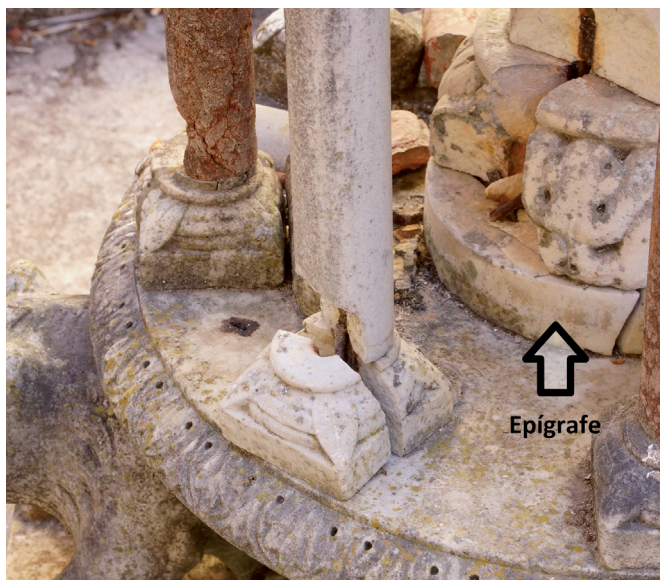
JOSÉ D' ENCARNAÇÃO
FERNANDO COSTA
MARCO ROCHA
NUNO PEREIRA



1

617

Ficheiro Epigráfico, 155 [2017]



2



3

617